

## A NARRATIVA POÉTICA DO ENCONTRAR-SE

*André Perez da SILVA\**

A criança que fui chora na estrada.  
Deixei-a quando vim ser quem sou,  
Mas hoje, vendo que o que sou é nada,  
Quero ir buscar quem fui onde ficou.  
(Fernando Pessoa)

O livro de Gênesis nos revela algo único e intrínseco à linguagem: ao dizer faça-se a luz, esta simultaneamente se faz, pois falar é agir, é constituir a si mesmo e ao “outro”, por meio da palavra. Searle (1969), um dos grandes nomes da Pragmática, ao nos descrever a importância dos atos de fala, reafirma o conteúdo subjacente do livro de Gênesis ao expor que o que o indivíduo faz ao usar a língua não se limita a transmitir informações ou verbalizar pensamentos, mas, sobretudo, interagir e atuar sobre o interlocutor, pois nesta perspectiva apontada pela pragmática, dizer é fazer e palavras são ações, tal como nos lembra um dos livros de Austin (1990) intitulado *Quando dizer é fazer, palavras e ação*.

O outro é algo que precisa ser definido neste texto que pretende discutir a forma pela qual o sujeito cresce e se duplica por meio do significante. Na verdade, todo discurso pressupõe um outro, nem que este seja uma mera projeção do nosso eu, o nosso duplo. Edgar Morin (2000, p. 213) nos chama a atenção para esta questão, ao afirmar que “em seu ego, o sujeito é potencialmente outro, sendo ao mesmo tempo, ele mesmo. É porque o sujeito traz em si mesmo a alteridade que ele pode comunicar-se com outrem”. Portanto, a linguagem, nesse contexto, estabelece elos

---

\* Mestrando em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás.

significativos entre os co-participantes do ato enunciativo, os quais se modificam e, sobretudo, se revelam nas cenas dramatizadas pelo jogo narrativo.

É também importante dizer que o outro, efetivamente, se materializa no texto por meio da polifonia,<sup>1</sup> ou seja, das vozes que se proliferam na sua construção. E cabem a nós, leitores, percorrermos as pistas textuais que denunciam, revelam os reflexos, o jogo de imagens que apreendemos ao atribuir sentido à palavra, pois esta é a chave do mundo, como nos ensina Carlos Drummond de Andrade (1997) no poema a seguir:

#### **A Palavra Mágica**

Certa palavra dorme na sombra  
De um livro raro  
Como desencantá-la?  
É a senha da vida  
a senha do mundo  
Vou procurá-la.

Vou procurá-la a vida inteira  
No mundo todo.  
Se tarda o encontro, se não a encontro,  
Não desanimo,  
Procuro sempre.

Procuro sempre, e minha procura  
Ficará sendo  
Minha palavra.

---

<sup>1</sup> Emprega-se o termo polifonia para caracterizar certo tipo de texto, aquele em que se deixam entrever muitas vozes, por oposição aos textos monofônicos, que escondem os diálogos que os constituem. (Cf. BARROS, 1999, p. 5)

O poema acima ilustra efetivamente a importância da linguagem para a constituição do indivíduo, tal como foi para o poeta que residia em Drummond. Este, incansavelmente, dava o seu testemunho sobre as possibilidades de se encontrar, de repentinamente se avizinhar do nosso outro, o qual se camufla como um camaleão nas entrelinhas de um texto qualquer. É interessante ressaltar a forma sutil como Drummond nos chama atenção para o fato de o leitor ir ao encontro da palavra, de desencantá-la com um beijo, pois somos nós, leitores, que atribuímos sentido à palavra, uma vez que o sentido não é subjacente a ela.

Nesse sentido, projetamo-nos neste ensaio como leitor que audaciosamente pretende adentrar as malhas da rede narrativa de “Fronteira”,<sup>2</sup> conto de José J. Veiga. A escolha desse texto deve-se ao fato de ele revelar a forma pela qual a criança amadurece e se constitui por meio da palavra. Na verdade, esta análise objetiva mostrar, com lentes de aumento, a importância da linguagem na construção do rito iniciático, tão presente no referido texto.

É interessante notar que a narrativa do conto citado não nomeia seu protagonista, um menino que está prestes a alcançar o espaço fronteiro entre a infância e a adolescência. O fato de não nomeá-lo assemelha-se ao que ocorre em contos de fadas. Estes, quando resolvem fazê-lo, dão às personagens nomes como Joãozinho e Maria, tão comuns em várias partes do globo (BETTELHEIM, 2003).

Mais curiosa, ainda, é a proximidade que podemos estabelecer entre as marcações de tempo e espaço, porque essas categorias discursivas não são delimitadas ao leitor no decorrer da trama. Portanto, a não marcação das categorias de pessoa, tempo e espaço contribui para que o leitor de conto de fadas, por exemplo, se projete no texto, uma vez

---

<sup>2</sup> Veiga (1997). As citações referentes ao conto selecionado serão indicadas por CP neste ensaio.

que a história vivenciada pelas personagens poderia ser protagonizada por qualquer um, sem limites de tempo ou espaço, tal como ocorre em “Fronteira”.

A observação feita anteriormente, com relação às proximidades entre a narrativa que está sendo analisada e a estrutura dos contos de fadas, justifica-se, neste ensaio, por trazer à tona uma semelhança nuclear para que se faça cumprir o objetivo maior desta análise. Referimo-nos, aqui, ao rito de iniciação, o qual é subjacente ao teor dos contos de fadas e do conto selecionado.

O rito de iniciação configura-se como o momento em que a personagem amadurece, cresce, e, portanto, abandona uma etapa na qual a fase pueril era predominante. Gilbert Durand (2002, p. 209), ao nos descrever o complexo de Jonas, o qual está intimamente ligado à sua iniciação no interior acolhedor de uma baleia, assegura algo brilhante para percebermos a importância do rito em questão para a constituição do indivíduo: “toda a descida dentro de si é ao mesmo tempo assunção para a realidade exterior”.

Silva (1990, p. 24) nos elucida um pouco mais a respeito do rito de iniciação, ao afirmar que “ele na verdade refere-se à simulação da morte e do renascimento, fato que leva ‘o iniciando a sofrer uma transformação, tornando-se apto para uma nova fase da vida’.”

A definição apontada por Silva (1990) pode ser muito bem ilustrada se ouvirmos atentamente o testemunho do protagonista de “Fronteira”, ao avistar o seu *outro* do alto de uma “montanha”:

Enxuguei as lágrimas e senti-me como se estivesse acabado de subir ao alto de uma grande *montanha*, de onde eu podia ver embaixo o menino de calça curta que eu havia deixado de ser, emaranhado em *seus* ridículos problemas infantis, pelos quais eu não sentia o menor interesse. Voltei-*lhe* as costas sem nenhum pesar e desci

pelo outro lado assoviando e esfregando as mãos de contente (CP, p. 85, grifo nosso).

O fragmento acima concentra, no texto analisado, o espaço metafórico onde o rito iniciático ocorre, fato que nos revela uma das faces míticas da montanha: “símbolo do desejo de iniciação, ao mesmo tempo que das suas dificuldades” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2001, p. 619). Na verdade, montanha é uma metáfora para apreendermos o espaço limítrofe entre a infância e a adolescência, pois “um ponto culminante de uma região, o cimo de uma região [...] simbolizam o termo da evolução humana e a função psíquica do supraconsciente, que é precisamente conduzir o homem ao cume de seu desenvolvimento” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2001, p. 619). Em suma, é do alto de uma “montanha” que surge um olhar reflexivo, que avista dali problemas descritos como ridículos e infantis.

Ademais, é importante observar que o protagonista vivencia problemas de ordem psicológica antes de ultrapassar a fronteira que delimita os caminhos percorridos do imaginário infantil, o qual pode ser exemplificado pela figura dos glimerinos, ao iniciático. Esse texto, exemplar para analisarmos o rito de iniciação, explicita algo importante para que a criança desenvolva a sua maturidade psicológica. Referimo-nos à presença do conflito interior, fundamental para que o indivíduo amadureça, se desenvolva plenamente após ultrapassar o que Piaget (2003), estudioso da psicologia do desenvolvimento, chamou de desequilíbrio, experiência e adaptação.

Valendo-nos do discurso piagetiano, poderíamos pensar na seguinte analogia, a qual se volta para o desenvolvimento de um bebê, ao ultrapassar as fases descritas no parágrafo anterior. O bebê, quando começa a se alimentar, faz uso do seio materno. Posteriormente, a mãe do bebê irá alimentá-lo com um instrumento mais sofisticado –

a mamadeira – por ser esta similar, não igual, ao seio materno. Porém, mesmo tendo esta semelhança, o bebê irá encontrar dificuldades para adaptar-se à mamadeira. Finalmente, quando a criança estiver biologicamente preparada, a mãe leva o seu bebê a fazer uso de instrumentos mais sofisticados, ainda, tal como a colher.

Indubitavelmente, a troca de instrumentos – mamadeira e colher – é experimentada com dificuldades pelo bebê, pois essas trocas geram o desequilíbrio. Entretanto, este é fundamental para que o bebê se desenvolva e experimente o seu mundo e as coisas que estão ao seu redor. Cabe lembrar que, após o desequilíbrio e a experiência, o sujeito adapta-se por assimilar uma série de esquemas, tal como ocorre com as crianças ao aprenderem a se alimentar fazendo uso de talheres. Piaget, ainda, ressalta que o outro, a mãe, é imprescindível para que a mediação ocorra entre o bebê e os instrumentos necessários para que ele se desenvolva.

Voltando à análise de “Fronteira”, podemos perceber que esse novo olhar nos revela, no ato enunciativo, a voz de um adulto que revisita a sua infância mesclada à de uma criança. Essa polifonia é materializada, no texto, por meio das reflexões feitas e dos marcadores temporais e dêiticos, os quais sinalizam a presença de um outro que se debruça sobre o lago da sua infância à procura de si mesmo.

No que diz respeito aos marcadores temporais, o *pretérito imperfeito* nos mostra claramente que o narrador-protagonista está relatando algo que aconteceu em uma fase diferente e distante da qual ele está inserido, como podemos observar a seguir:

Eu *era* ainda  *muito* criança, mas sabia uma infinidade de coisas que os adultos ignoravam. [...] *Sabia* que não se deve responder aos cumprimentos dos *glimerinos*, aquela raça de anões que agente encontra. (CP, p. 81, grifos nossos)

Ou ainda este trecho:

Minha única esperança de liberdade *era crescer* depressa para ser como os adultos [...] mas quando eu *baixava* os olhos para olhar o meu *corpo de menino*, e *via* quanto eu ainda *estava* perto do chão, *vinha-me* um desânimo. (CP, p. 82, grifos nossos).

Os excertos acima, então, confirmam a hipótese de que o narrador constrói um itinerário que nos leva à sua infância, a qual é revisitada por um olhar à procura de imagens que reconstruam a transfiguração, aqui marcada pelo rito de iniciação. Machado de Assis, ao afirmar que “a criança é pai do homem”, nos segreda por meio do texto literário o que os estudos de psicanálise enfocam ao discutir a importância da infância na constituição do indivíduo.

Em resumo, a sentença machadiana ilustra que o adulto que somos se deve à criança que fomos um dia. Na verdade, o indivíduo é constituído por vozes que ecoam a sua infância e a forma pela qual ela foi vivenciada. Nesse contexto, é imprescindível destacar que esta consideração, com relação à criança e ao homem, não intenciona dizer que o homem é meramente fruto do meio, como nos fazem crer as correntes que deram respaldo ao behaviorismo.

Portanto, o homem, nessas considerações, não é só constituído pelo seu meio, mas também o constitui, pois não é considerado simplesmente como um recipiente vazio, pronto a ser preenchido pelo meio circundante, tal como o naturalismo tentava delinear no século XIX, em que temos como exemplo Aluísio Azevedo ao esboçar personagens como Rita Baiana e a

forma pela qual as demais personagens de *O cortiço* eram zoomorfizadas.

Uma pista textual que corrobora a idéia de que o enunciador, o locutor, é arrebatado para a sua infância são as reflexões, típicas de um adulto, que avalia fatos e acontecimentos significativos, os quais poderiam ter passado despercebidos pela criança que um dia o protagonista foi: “Como poderia eu recuar e dar-lhes as costas, como se não tivesse nada a ver com os problemas deles? A responsabilidade seria muito grande para meus ombros infantis” (CP, p. 82).

Vejamos outras reflexões:

ao abaixar-me num córrego para beber água que fiz uma descoberta a meu ver muito importante. [...] Raro era o dia em que eu não aprendia alguma coisa nova, e embora a descoberta só tivesse utilidade na estrada, eu a recolhia para a utilização futura, ou para a ampliação de meus conhecimentos (CP, p. 83).

Estava eu certo de querer a verdade, e não a compaixão de minha mãe? Qual seria nesse caso o papel de uma boa mãe – dar-me o que eu queria ou o que eu temia? Que direito tinha eu de forçá-la a uma decisão dessa ordem? (CP, p. 84).

Chorei também, mas depois percebi que eu não tinha motivo nenhum para chorar, eu estava chorando mais por formalidade, porque eu que eu havia feito para estar naquela situação? Que culpa tinha eu da minha vida? (CP, p. 85).

A alteridade, sem dúvida, é algo instigante nesse texto, que brilhantemente pluraliza o eu, nos revelando, então, a morada de um outro em nós, tal como podemos visualizar, ao repetirmos o narrador:

eu podia ver embaixo o menino de calça curta que eu havia deixado de ser, emaranhado em *seus* problemas ridículos e infantis. [...] Voltei-*lhe* as costas sem nenhum pesar e desci pelo outro lado assoviando e esfregando as mãos de contente (CP, p. 85, grifos nossos).

Os dêiticos grifados acima, portanto, nos mostram a instauração da figura “altérica” no discurso, ou seja, a inserção do outro, do qual nós nunca iremos nos separar, e é de braços dados com este menino – constituinte do inconsciente – que o narrador pretende, por meio do significante, atravessar o espaço labiríntico e fragmentado, no qual muitos de nós permanecemos presos.

Os pronomes *seus* e *lhe*, então, são pistas significativas para que possamos perceber as formas pelas quais o duplo se projeta no texto, uma vez que estamos co-participando, com o protagonista, do grande encontro com o seu *eu*. Nesse sentido, é fundamental que saibamos percorrer os caminhos – as pistas textuais – que melhor nos revelem as formas de apreender esta figura fugidia: o inconsciente.

No que tange ao rito de iniciação, percebemos que, estilisticamente, a passagem para a adolescência e, portanto, a perda da infância, é construída no texto em análise por meio de duas figuras de linguagem: a metáfora e a metonímia. A presença da conotação, então, é importante para que o leitor possa mergulhar no mundo do imaginário, no qual uma leitura linear não consegue transcender a expansão do significado, recuperado ao ascendermos a denotação, pois como nos lembra Barthes (1992, p. 42), “a conotação é a via de acesso à polissemia do texto”.

Como já fora dito, o próprio título do texto é uma representação metafórica do rito de passagem, tal como o espaço onde esse ocorre: a montanha. A representação metonímica do rito iniciático, na verdade, é resgatada, no texto, por representações que aludem simbolicamente à

infância e à perda dessa condição. Sendo assim, se relacionarmos “o menino de calça curta”, expressão que nos remete à infância, ao enunciado “que eu havia deixado de ser” (CP, p. 85), estaremos diante de uma representação pictórica do rito de passagem, pois há, nos enunciados referidos, uma imagem metonímica do fato em questão.

Podemos concluir, portanto, que toda a narração do rito iniciático em “Fronteira” é configurada, brilhantemente, por representações imagéticas da realidade, fato que nos leva a perceber um tênue diálogo entre a palavra e as imagens poéticas que dela abstraímos. Esse fenômeno, inerente à natureza polissêmica da linguagem, é muito bem esclarecido ao chamarmos à cena neste ensaio a voz de Rubem Alves, o qual, em uma de suas crônicas, destaca que as imagens poéticas são palavras grávidas.

A forma poética que Rubens Alves assume ao falar sobre a natureza multívoca e ampla da linguagem relaciona-se diretamente com o leitor de “Fronteira”, o qual se debruça sobre esse texto à procura de imagens, palavras que reconstruam a narrativa do encontrar-se. O significante, associado às imagens poéticas, constitui a forma pela qual o eu se duplica no diálogo tridimensional que se observa no decorrer da narrativa, uma vez que a criança só se avizinha do adulto por meio de um outro eu: o do leitor.

Nesse diálogo o “eu” tece o seu outro, o seu duplo, fato que nos revela a importância de se visitar, de se acolher pela palavra, e nós, leitores, não somos meramente testemunhas desse reencontro do eu; somos, sobretudo, um olhar que não sai dos limites desse texto sem antes contemplarmos a possibilidade de metamorfosear-nos por meio da palavra.

### Referências bibliográficas

- ANDRADE, Carlos Drummond de. *A senha do mundo*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- AUSTIN, J. L. *Quando dizer é fazer, palavras e ação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. Dialogismo, Polifonia e Enunciação. In: BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz. (Orgs.). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno de Bakhtin*. São Paulo: Universidade de São Paulo: 1999. (Ensaio de Cultura, 7)
- BARTHES, Roland. *S/Z: uma análise da novela de Honore de Balzac*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.
- BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Trad. de Vera da Costa e Silva et al. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2001.
- DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral*. Trad. Hélder Godinho. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- MORIN, Edgar. A cabeça bem feita: repensar a reforma reformar o pensamento. In: MORIN, Edgar. *A Noção do Sujeito*. Trad. Eloa Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2000.
- PIAGET, Jean. *Seis estudos de psicologia*. Trad. de Maria Alice Magalhães D'Amorim e Paulo Sérgio Lima Silva. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- SEARLE, J. *Speech Acts*. London: Cambridge University Press, 1969.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. Missa do galo: um processo de iniciação. *Caderno de Letras*. Série Literatura brasileira, n. 5. Goiânia: UFG, 1990. p. 23-41.

VEIGA, José J. *Os Cavalinhos de Platiplanto*: contos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.